

PORQUE VENDEMOS

No dia 31 de Maio, deveríamos ter recebido o salário correspondente à quinzena de 15 a 31 de Maio.

Esse salário não nos foi pago pela empresa Sogantal, filha de uma fábrica francesa de nome Lamont.

Como se torna evidente, o dinheiro que não nos pagaram faz-nos falta. Os nossos salários são miseráveis. Basta dizer que com o aumento para 3.300\$00 o máximo que alguma de nós ganhará nesta quinzena é de 1.200\$00. Portanto, sem este dinheiro vimo-nos condenadas a passar fome.

No dia 5 de Junho comunicámos aos nossos patrões que esperaríamos o pagamento até 12 de Junho às 12 horas.

Seguidamente ver-nos-emos forçadas a vender directamente o que produzimos, ou seja fatos de treino.

Embora a lei esteja do nosso lado, quanto ao pagamento dos salários, não podemos esperar pelo Tribunal de Contas.

Infelizmente, não conseguimos deixar de comer durante vários dias, e assim não podemos esperar mais tempo.

Venderemos os fatos apenas até termos conseguido o dinheiro suficiente para o pagamento. Evidentemente, depois, a empresa já não nos terá de pagar os salários atrasados.

Nós não somos ladras; simplesmente precisamos de nos sustentar e aos nossos filhos.

Esperamos que a população nos compreenda e nos apoie.

AS OPERÁRIAS DA SOGANTAL



O CASO SOGANTAL**Capital francês
contra operárias portuguesas**

As operárias da Sogantal (fábrica de fatos de treinos, de capital francês, radicada no Montijo) devem ver resolvida, em poucos dias, a situação, de cerca de dois meses de expectativas e dúvidas e dos graves incidentes acontecidos na fábrica na tarde e noite de sábado passado.

Para isso as recebeu o ministro do Trabalho, estudando-se qual a opção, entre as duas alternativas que se oferecem: nacionalização da fábrica ou o seu encerramento. As operárias pretendem a primeira alternativa que lhes permitiria continuar a trabalhar. A segunda é a desejada pelos patrões. Simplesmente, se vier a ser adoptada, não o pode ser apenas com o pagamento de

indemnizações. Há que pagar os salários às operárias até encontrarem novo emprego.

Até «25 de Abril», as 48 operárias da Sogantal, ganhavam, no máximo 1.400 escudos mensais. Em Maio iniciou-se um processo reivindicativo em que exigiam 1.250 escudos de aumento de salário, 30 dias de férias com o respectivo subsídio e o 13. mês.

Com a imposição do salário mínimo nacional de 3.300 escudos, as reivindicações salariais deixaram de ter razão de ser. Mas a administração não entendeu assim e quis resolver as coisas à sua maneira boicotando esta disposição governamental e iniciando um processo tendente a fechar a fábrica com o lançamento de meia

centena de pessoas no desemprego. Deixou de pagar os ordenados em meados de Maio. As operárias responderam-lhe com a greve de zelo e passaram a vender elas próprias o material produzido angariando, assim o numerário para pagamento integral dos ordenados. No sábado o patrão M. Lardat, igualmente representante da fábrica-mãe da Sogantal, a Lammont, chegou à fábrica acompanhado de 12 compatriotas seus, entre os quais o motorista, o piloto e o mecânico do seu avião particular e o gerente Guilherme Gomes. Entraram, aprisionaram o guarda e barricaram-se com dois cães-polícias, paus cinco vezes mais grossos que os cabos de uma vassoura, pistolas de alarme e extintores de incêndio para lançar neve carbónica sobre as operárias quando estas tentassem forçar a entrada.

A população do Montijo soube do caso e mobilizou-se em autêntico pé de guerra. A fabri-

ca foi cercada e o patrão e os seus acompanhantes encurralados nos escritórios.

A G. N. R. que entretanto chegara por causa da verdadeira guerrilha que se desenrolava no cenário da Sogantal não forçou a entrada. Só o Exército (militares do COPCON e da Base Aérea n.º 6, do Montijo) conseguiu entrar e aprisionar os franceses e seus ajudantes portugueses, que pela força, pretendem lançar no desemprego a meia centena de pessoas que até aqui exploraram. Os detidos foram conduzidos ao Lumiar onde permanecem sob custódia militar.

V veio a saber-se depois que o patrão pretendia desmontar as máquinas e emalá-las juntamente com o material da produção existente.

Uma das utilizações possíveis sugeridas pelas operárias da fábrica, caso esta venha a ser nacionalizada, é transformá-la numa secção das Oficinas de Fardamento Militar.



SOGANTAL UMA LUTA EXEMPLAR

Como tantas outras empresas existentes em Portugal, a SOGANTAL foi montada por capitalistas estrangeiros. Neste caso foram os franceses da LAMMONT.

Como todas as empresas estrangeiras existentes em Portugal a SOGANTAL foi montada para a exploração desenfreada dos trabalhadores portugueses, baseada no pagamento de salários miseráveis e na "docilidade" dos trabalhadores obtida por todo um sistema repressivo, em que a repressão patronal e a repressão policial se completavam impondo aos trabalhadores duríssimas condições.

Aproveitando as condições mais favoráveis criadas pelo 25 de Abril a luta dos trabalhadores, as operárias da SOGANTAL, à semelhança de milhares de trabalhadores portugueses avançaram na luta contra a exploração de que eram vítimas e exigiram aumentos de salários e melhores condições de trabalho. À semelhança de outras empresas estrangeiras a SOGANTAL, só porque se via forçada a pagar salários um pouco menos miseráveis quiz encerrar, lançar as trabalhadoras para o desemprego e aviar as malas e ir à procura de maiores e mais fáceis lucros.

A luta das operárias da Sogantal é uma luta exemplar porque é uma luta contra a exploração capitalista e imperialista. Porque representa uma resposta operária às manobras dos capitalistas estrangeiros, ao encerramento das fábricas e aos despedimentos. Porque as operárias da SOGANTAL têm sabido organizar-se e têm divulgado a sua luta.

Cum feito, neste momento vai passado mais de mês e meio de ocupação da fábrica pelas operárias da Sogantal. Vai passado mais de mês e meio durante o qual as nossas camaradas da Sogantal asseguraram colectivamente a produção e a venda dos fatos de treino, garantindo desse modo a sua subsistência.

Numa altura em que as operárias da Sogantal se lançam numa fase fundamental da sua luta promovendo a campanha dos 1000 fatos e apresentando ao Governo provisório a sua posição quanto às possíveis soluções para o caso. Posição correcta pois não abdicam das suas reivindicações e exigem do governo que lhes garanta o salário até encontrarem novo emprego ou então que promova a reconversão da empresa de modo a poder funcionar nas condições reivindicadas. Numa altura destas, todos nós trabalhadores devemos divulgar, discutir e apoiar a luta das operárias da Sogantal.

Temos de saber unificar as nossas lutas de trabalhadores contra a exploração capitalista, contra os despedimentos, pela defesa dos nossos interesses. Temos de saber aproveitar todas as experiencias de luta

Temos de saber que a nossa luta é a luta pela construção duma sociedade sem exploradores nem explorados, duma sociedade onde não tenhamos de nos vender todos os dias.

TODOS À MANIFESTAÇÃO DE APOIO À LUTA DA SOGANTAL, 6ª feira, 2 de Agosto às 19 horas NA PRAÇA DO CHILE. DIVULGUEMOS ESTA LUTA EXEMPLAR.



C.T.P

"O caso Sogantal"

Comando civil para "divórcio" laboral



MARIA ANTÓNIA PALLA (texto)
OCTÁVIO PAIVA (fotos)

No dia 25 de Abril de 1974, no mesmo dia em que as Forças Armadas lutavam para libertar o País do jugo fascista, uma jovem operária, Lúcia Palma Lampreia Luís, foi suspensa 4 dias por ter deixado de trabalhar durante uma hora e meia e recusar-se a coser mais de três pacotes de fatos de treino por dia, enquanto a minutagem atribuída àquela tarefa não fosse objecto de revisão. Ao "tom elevado" com que a mestra se lhe dirigiu Lúcia Palma respondeu "que não tinha medo".

Este episódio ocorreu na fábrica Sogantal, do Montijo, e foi um dos acidentes que opôs as operárias que ali trabalhavam à direcção, desde que há dois anos a empresa foi adquirida pela S. A. Lamont, com sede em Avensan, proprietária de seis unidades fabris, especializadas em fatos desportivos, material de campismo, etc.

Na Sogantal trabalhavam 48 operárias, com idades variando entre os 14 e os 24 anos, 50 por cento das quais casadas e com encargos de família, visto que muitos dos maridos se encontram a cumprir o serviço militar. As mães, que lhes tomam conta dos filhos, pagam 400\$00 mensais. Os ordenados auferidos até ao estabelecimento do salário mínimo nacional variavam entre 1040\$00 e 1600\$00. No Montijo, o custo de um apartamento é de 1000 a 3000 escudos. Por isso, muitas delas não conseguem ter casa própria.

As operárias da Sogantal vivem no Samouco, Montijo, Atalaia, Afonsoeiro, Palmilliam cerca de 4 quilómetros por dia, o que não é muito quando está bom tempo. Quando chovê ou faz calor, é duro. Quase todas têm apenas a quarta classe: não estudaram mais porque "não gostavam de escola" ou porque precisaram de ganhar o seu sustento. São filhas de corticeiros, trabalhadores da construção civil, operárias como eles. Algumas não têm pai: são elas que ganham para o "monte" familiar. Na idade de brincar, foram para a fábrica: muitas começaram aos 13 anos. Nove horas de trabalho diário, a um ritmo de produção que atingia uma minutagem de 800 minutos diários. As que não conseguiam este ritmo viviam no pânico de ser despedidas: os pretextos não faltariam para se verem dispensadas. Não admira, pois, que o rendimento da fábrica fosse, segundo recente declaração do proprietário, Pierre Lardat, "plenamente satisfatório". As operárias da

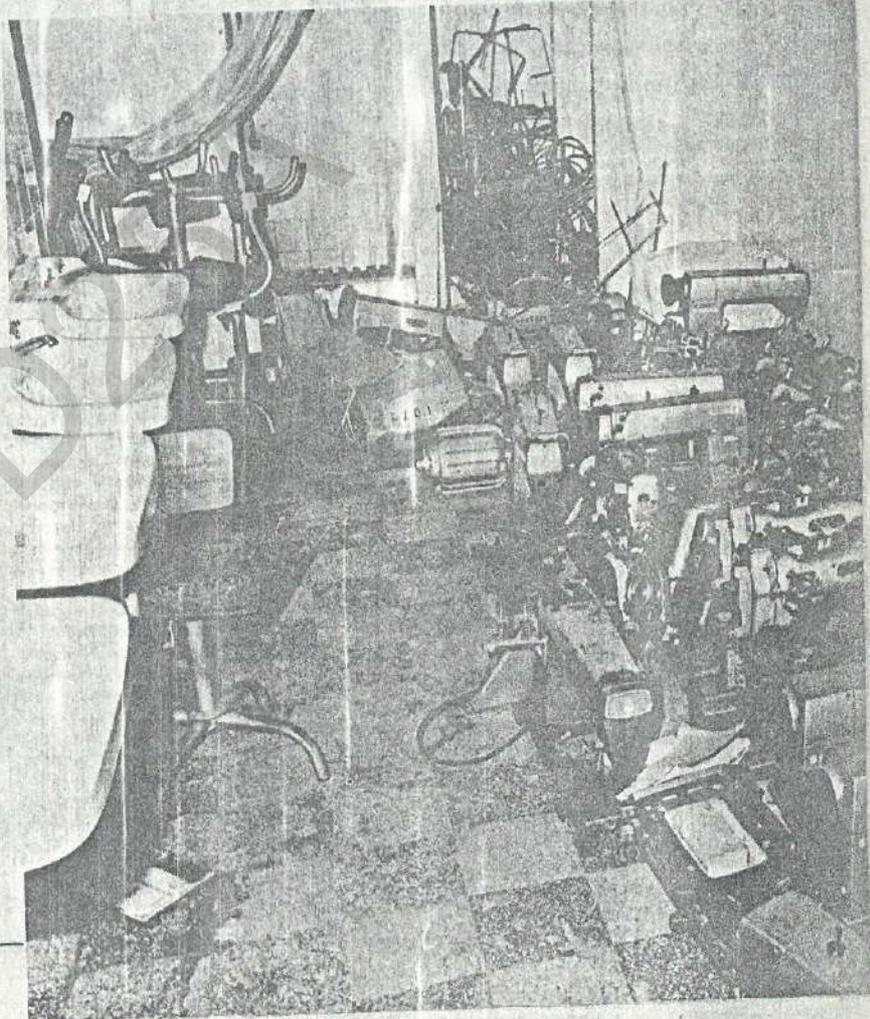
Sogantal trabalhavam tanto e tão bem como as suas colegas francesas. Ganhavam apenas muito menos, ao que o sr. Lardat responde: "Pagávamos o que a lei portuguesa nos obrigava. Sempre estivemos dentro da legalidade." Em 20 de Maio, as operárias apresentaram o seu caderno reivindicativo. Pediam um aumento geral de 1250\$00, um mês de férias e

respectivo subsídio, pagamento do décimo terceiro mês. O patrão, Pierre Lardat, afirma que as primeiras reivindicações de que teve notícia referiam pretensões diferentes: 7500\$00 mensais e redução do ritmo de produtividade.

UMA HISTÓRIA DE CRIANÇAS

Há 6 meses que Pierre Lardat não vinha a Portugal. A direcção da Sogantal era assumida pelo director Renaudie, um francês de 62 anos, "que subiu todos os postos da hierarquia", como afirma

As máquinas foram desmontadas mas as operárias impediram a sua saída



um mês pelo Natal? Isto quando o mínimo que pagam em França a um operário são 5800\$00, atendendo a que o sistema de assistência e segurança social lá é muito melhor do que o nosso."

No dia 13 de Junho, a direcção abandona a fábrica. Renaudie regressa a França. Guilherme Gomes aparece cada vez menos na Sogantal: toda a empresa fica nas mãos das operárias, que põem de pé uma gestão sumária, mas que é a única que ali se exerce.

Os administradores da Sogantal afirmam que no dia 5 de Junho pediram uma audiência ao Ministério do Trabalho para encontrar solução para o problema. Segundo afirmam, o dr. Francisco Baptista, daquele Ministério, dado que a decisão do encerramento da fábrica era irreversível, e não havendo lugar para entabular negociações teria respondido que o Ministério do Trabalho considerava-se incompetente para agir. Contactada a Junta de Salvação Nacional, foram os advogados da firma e o conselheiro e adido da Embaixada da França, srs. Chaumet e Charpentier, mandados ao tenente Rosado Dias, do Ministério da Coordenação Económica, que os informou de que "a única coisa que podia fazer era tentar persuadir os delegados dos trabalhadores a desocupar a fábrica e a permitir a reexportação da mercadoria", entrada em Portugal em regime de importação temporária. Foi-lhes afirmado que as autoridades portuguesas se recusavam a agir pela força, aconselhando-se os interessados a contactar o Ministério da Administração Interna. Tudo isto consta em documento fornecido pelo advogado da firma Sogantal.

Pelo seu lado, também as operárias tentavam resolver a situação, apoiadas no Sindicato dos Têxteis e Vestuário do Sul. Nos contactos com o Ministério do Trabalho, acabaram por propor: nacionalização da empresa, com reconversão; laboração sob outra gerência ou propriedade; pagamento de salário até encontrarem nova colocação, caso a fábrica permanecesse fechada.

NÃO FIZEMOS GREVE

Fernanda de Almeida, 20 anos, casada e mãe de um bebé de 5 meses, eleita delegada das operárias da Sogantal e dirigente sindical esclarece:

— As nossas reivindicações eram justas: o patrão não devia fechar a fábrica. Nunca estivemos em greve, apenas diminuímos o rendimento do trabalho. Só deixámos de produzir quando a direcção abandonou a fábrica sem nos pagar o mês atrasado e fomos forçadas a vender a mercadoria para viver. Como o mercado não consumia o "stock" existente, não valia a pena produzir mais. Entretanto, vieram as férias. Todas estávamos muito fatigadas: porque nós estivemos aqui de dia e de noite, para impedir que os franceses lovassem as máquinas. Em casa, muitas tiveram conflitos, sobretudo com os pais. Os maridos e os namorados foram os mais camaradas. Há quem nos critique, quem nos chame "crianças". Mas nós fazemos apenas o que achamos justo e resolvemos entre todas: sem trabalho, não há capital. Não queremos as indemnizações: queremos continuar a trabalhar. É bom para nós e para o País. Confiamos em que o Governo nos ajude a encontrar uma solução.

Entretanto, dentro da fábrica, o clima era de camaradagem, quase de festa. Zeca Afonso foi dos primeiros a oferecer apoio às jovens da Sogantal. A secção do Partido Socialista do Montijo ofereceu a sua sede para ali venderem os fatos. O Movimento da Esquerda Socialista deu-lhes apoio em carros e



O ministro do Trabalho observa a cápsula de uma bala que as operárias da Sogantal afirmam haver sido disparada pelo patrão

moradas de empresas onde venderam a mercadoria. Durante o mês de Agosto percorreram os parques de campismo, as associações recreativas, empresas como a TAP, companhias de seguros, estiveram na Feira do Livro. Receberam donativos. No jornal que começaram a elaborar, as raparigas exprimiam em verso a sua emoção: "Vivam as operárias da Sogantal / valentes moças de verdade / não é um francês de péra / que manda na nossa vontade / unidas pr'a frente camaradas / não tenham medo de nada / abaixo os patrões franceses / acima os portugueses / queriam o trabalhinho feito? / sem pagar os ordenados / desde já fiquem sabendo / já acabaram os escravos.

Nas paredes do refeitório lia-se: "Quem é o causador do caos económico?"

Comentário de Pierre Lardat: "A estas raparigas de 18 anos sentem-se à cabeça de uma empresa, com um "stock" de cerca de 8000 contos, dava-lhes o sentimento de uma responsabilidade ilusória, que, admito, não deixa de ser alicianante. Deixei passar o tempo, que é remédio para muitos males. Mas chegou a altura de pensar que era o momento de vir arrumar a casa."

Pierre Lardat, proprietário da Sogantal, antigo professor primário, combatente da segunda guerra mundial e resistente, fornecedor de diversas cooperativas de professores e radical-socialista de formação, decidiu, portanto, agir.

Em documentos datados de 22 de Agosto e enviados a diversas personalidades governamentais portuguesas e francesas, incluindo os

primeiros-ministros e os ministros da Justiça, Trabalho, Assuntos Internos, Assuntos Sociais, Economia, Negócios Estrangeiros, embaixadores, directores de alfândega, e também a diversos órgãos da imprensa francesa ("Figaro", "Le Monde", "Sud Ouest", "France-Soir", "Progrès d'Lyons") comunicou a sua decisão de, à cabeça de um vintena de pessoas, tomar posse da Sogantal com o objectivo de fazer um inventário da mercadoria e reexportá-la para França.

Num desses documentos, dirigido ao Prefeito da Gironde, pode ler-se: "Desejo que a operação decorra na calma. Por isso, durante o tempo que permanecer na fábrica (cerca de 7 dias) e a fim de evitar contactos com a população local, tomei medidas para não ter de sair da fábrica, salvo em caso de força maior." Referia que o grupo corria o risco de "confrontar-se com certos elementos da localidade de Montijo". Assegurava que a "intervenção fora estudada e preparada com todo o cuidado, dela estando excluída qualquer improvisação". Pedia a intervenção do prefeito para provocar uma "intervenção para a mobilização de um dispositivo da polícia ou das forças armadas portuguesas, de modo a assegurar a segurança do grupo e evitar o seu confronto com certos elementos superexcitados da população local". A passividade das autoridades portuguesas em porem cobro à anarquia reinante na Sogantal levava-o a tomar tais medidas, afirmou posteriormente Pierre Lardat.

A Sogantal pode transformar-se num incidente internacional

Continua ocupada pelas operárias a empresa francesa Sogantal, no Montijo, que foi abandonada pelos patrões, no mês de Maio, sem que qualquer satisfação fosse dada às quarenta e oito mulheres que lá trabalham. Após graves incidentes, recentemente provocados pelo retorno dos patrões, as autoridades militares foram obrigadas a tomar medidas de segurança enquanto (espera-se) sejam adoptadas medidas, por parte do Governo, de modo a encontrar a solução adequada para pôr termo ao conflito.

Uma carta, recentemente enviada às autoridades portuguesas, pela administração do grupo a que pertence a Sogantal, faz sublinhada referência à intervenção de um grupo de civis organizados em «comandos», que iriam actuar por ordem dos patrões, no sentido de ocupar as instalações.

Efectivamente, no passado sábado, quando se dirigiram ao local de trabalho, as operárias encontraram um cartaz que proibia a entrada, com um aviso de que vários cães ferozes estavam à solta.

Apoiadas por vários populares, as operárias tentaram o assalto às instalações, enquanto o «comando» patronal se barricava nos escritórios, obrigando o guarda, António Augusto Santos Ferreira, de 31 anos, contratado anteriormente pelas empregadas, a acompanhá-las. Nessa altura, os elementos barricados atacaram as pessoas que tentavam entrar no edifício com os extintores de fogo e com gás lacrimogéneo, intimidando-as, simultaneamente, com tiros de pistolas, que mais tarde se verificou serem de fuzil.

Entretanto, uma força da G. N. R. compareceu no local. O tenente que a comandava tentou, conjuntamente com uma delegada das trabalhado-

ras, entabular conversações com o sr. Pierre Lardat, representante da administração junto da Sogantal e, ao que tudo indica, chefe do «comando».

Perante a negativa destes que ameaçaram utilizar explosivos, o tenente da G. N. R. informou-os de que, se necessário, seria utilizada a violência.

Finalmente, é possível a entrada do tenente e da delegada das operárias no local ocupado pelo grupo.

A dado momento, devido ao lançamento de uma pedra à resposta dos indivíduos in trincheirados, de novo com os extintores de incêndio, a população invadiu o escritório, não tendo sido no entanto, exercidas quaisquer represálias sobre os elementos do «comando».

Entretanto, forças do Exército e para-quadistas tinham chegado ao local, cercando toda a zona da fábrica, perante o que os 14 elementos do «comando» (um dos quais português, Guilherme Gomes, gerente da fábrica) não ofereceram mais resistência, tendo sido entregues às Forças Armadas, que os levaram sob prisão, responsabilizando-se por eles até ontem ao meio-dia, hora para que ficou marcada uma reunião conjunta com o ministro do Trabalho, entidade sindical e representantes da entidade patronal colhidas na fábrica, de novo ocupada pelas operárias, a reunião com o capitão Costa Martins, ministro do Trabalho, não correspondeu à expectativa das trabalhadoras, dado não ter sido preconizada nenhuma solução do problema nem ter havido qualquer contacto com os elementos do «comando» detidos não se sabendo mesmo até quando esse regime de detenção subsistia.

Perante a passividade, pelo menos aparente, daquele Ministério, e segundo dados fornecidos por uma das delegadas das operárias, o diálogo travado com o capitão Costa Martins, tornou-se por vezes acalorado, tendo sido uma das mulheres que compunha a comissão expulsa da sala onde se desenrolaram as conversações.

Perante a passividade, pelo menos aparente, daquele Ministério, e segundo dados fornecidos por uma das delegadas das operárias, o diálogo travado com o capitão Costa Martins, tornou-se por vezes acalorado, tendo sido uma das mulheres que compunha a comissão expulsa da sala onde se desenrolaram as conversações.

O início do conflito
O caso Sogantal surgiu nos primeiros dias de Maio, quan-

do as operárias daquela empresa apresentaram a entidade patronal um caderno reivindicativo.

Após a decretação do salário mínimo — as operárias ganhavam em média, 1400\$ men-



Uma das trabalhadoras da Sogantal explicando a situação na fábrica ao nosso redac-

tor —, o sr. Pierre Lardat, responsável pela administração, abandonou o País num avião particular, sem dar qualquer explicação às 48 mulheres que trabalham na Sogantal.

Estas perante as circunstâncias tiveram um sistema de autogestão, decidindo vender o produto do seu trabalho — fatos de treino feitos em Portugal, dado o baixo preço da mão-de-obra —, numa tentativa de angariarem o dinheiro necessário à sua subsistência.

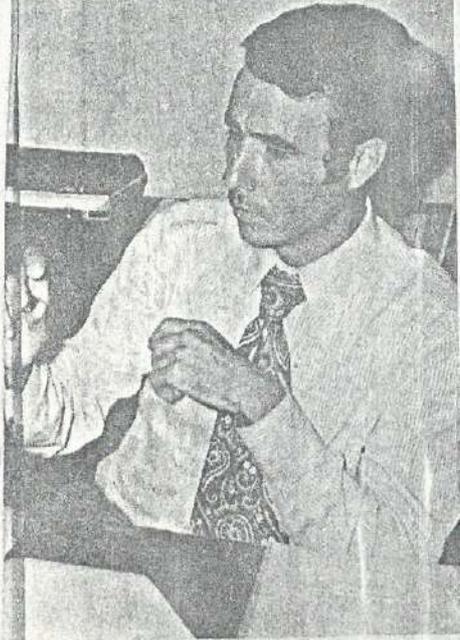
Durante este período, uma comissão das operárias pediu ao Governo que fosse dada a solução ao assunto, tendo mesmo sugerido que a fábrica continuasse a funcionar na produção de outros artigos.

Passados 3 meses, sem que nenhuma solução aparecesse, nem por parte do Governo nem por parte da entidade patronal, o sr. Lardat volta a Portugal, acompanhado de um grupo de indivíduos que se intitulam organizados em «comandos», para tentarem reaver o material da fábrica, nomeadamente tecidos e maquinaria.

A partir de então, como se sabe, os acontecimentos precipitaram-se.

As autoridades governamentais ainda não se pronunciaram acerca das medidas tomadas quanto às «ameaças» vindas da administração do grupo e «exigências» de protecção a actividade do «comando».





estranha e foi avisar as moças.

Pierre Lardat desmente esta versão: para ele o guarda é um pobre de espírito que não só não ofereceu qualquer resistência à entrada do grupo na fábrica como, por iniciativa própria, se dispôs a ficar com o grupo e a colaborar nas operações.

— Ele disse: eu fico com quem me paga. E ficou. Eu apenas me opus a que ele, no dia seguinte, fosse até casa para depois regressar. Tínhamos decidido permanecer na fábrica o tempo necessário para a operação de inventário e embalagem. Os camiões deveriam chegar no dia 29 para retirar a mercadoria. Levámos viveres, uma pistola de alarme e lançadores de um gás não nocivo, para o caso de sermos atacados. Entretanto, tínhamos a garantia, das entidades oficiais, de que seríamos protegidos. O chefe de gabinete do Ministro do Trabalho deu-nos os telefones do tenente-coronel Stofel, chefe do gabinete do Ministro da Administração Interna, que se prontificara a fazer o necessário junto da G.N.R. e do COPCON para que a nossa protecção fosse assegurada. Durante o dia mantivemo-nos em contacto com a G.N.R. do Barreiro.

Segundo o proprietário da Sogantal, quer o Secretário de Estado do Trabalho, dr. Carvalhas, quer o chefe de gabinete, dr. João Amaral, estavam ao corrente da "firme intenção de entrar na fábrica que lhe pertence para aí proceder ao inventário do que restava do stock". Acrescenta que em reunião tida, no próprio dia 23, no Ministério do Trabalho, com a delegada das operárias e um representante do Sindicato, na presença daquelas entidades, ele Lardat, havia confirmado a intenção de não reabrir a fábrica, propondo-se pagar por inteiro os dias de greve e as indemnizações legais, como se não tivesse havido justa causa no despedimento. Isto foi recusado pela parte contrária, que abandonou a sala, afirmando que, no ponto em que se estava, a "fábrica já não lhe pertencia, mas sim às operárias, que a vinham gerindo desde 30 de Maio".

A delegada Fernanda Almeida confirma a proposta apresentada pela entidade patronal, mas

diz que ignorava totalmente que nessa mesma noite os franceses fossem tomar conta da fábrica. Suspeitou disso, porém, e assim, regressando ao Montijo, começou a avisar as colegas para, de novo, se montarem piquetes nocturnos na fábrica. No sábado, ao passar por lá e vendo um cartaz onde lia "Entrada estritamente proibida / Cães Bravos / não somos responsáveis pelos acidentes em caso de violação desta interdição", percebeu que algo de novo se passava. Correu a chamar mais gente. Cerca das 19.30 horas a multidão, constituída por operárias, familiares, população do Montijo, começou a aglomerar-se junto da fábrica. Saltaram os muros, forçaram a entrada e penetraram na fábrica. Lá dentro, os franceses defendiam-se com os extintores de incêndio, acabando por se refugiar no escritório da fábrica, onde se barricaram. No chão, deixaram o guarda António, que foi transportado ao hospital. Segundo ele, foi agredido pelos franceses com os extintores, que o intoxicaram. Segundo Pierre Lardat, por se ter atirado para o chão, no intuito de fazer crer às operárias, suas colegas, que estivera ali forçado pelos patrões e não de livre vontade.

Conta Fernanda Almeida:

— Quando chegou a G.N.R. do Barreiro, procurámos falar com os patrões. Eles disseram que só falavam comigo, delegada dos trabalhadores, e com o tenente. Fomos ao escritório: no meio daquela exaltação, eu devo ter gritado, porque a nossa indignação era muita. Então, não sei porque, talvez porque pensasse que os franceses nos estavam a fazer mal, a mim e ao tenente, o povo avançou, partindo os vidros e procurando arrombar a porta do escritório. Eu bem lhes dizia que tivessem calma, que estávamos bem, mas já ninguém ouvia. Os franceses começaram a defender-se com extintores de incêndio e com uns gases que faziam arder os olhos. Já não via nada e fui tirada cá para baixo. Mais tarde, perto das 23 horas, chegou a tropa, que levou os franceses num camião, sob custódia. O nosso problema é o mesmo: não queremos ficar no desemprego. Eles

UMA OPERAÇÃO DE "COMANDOS"

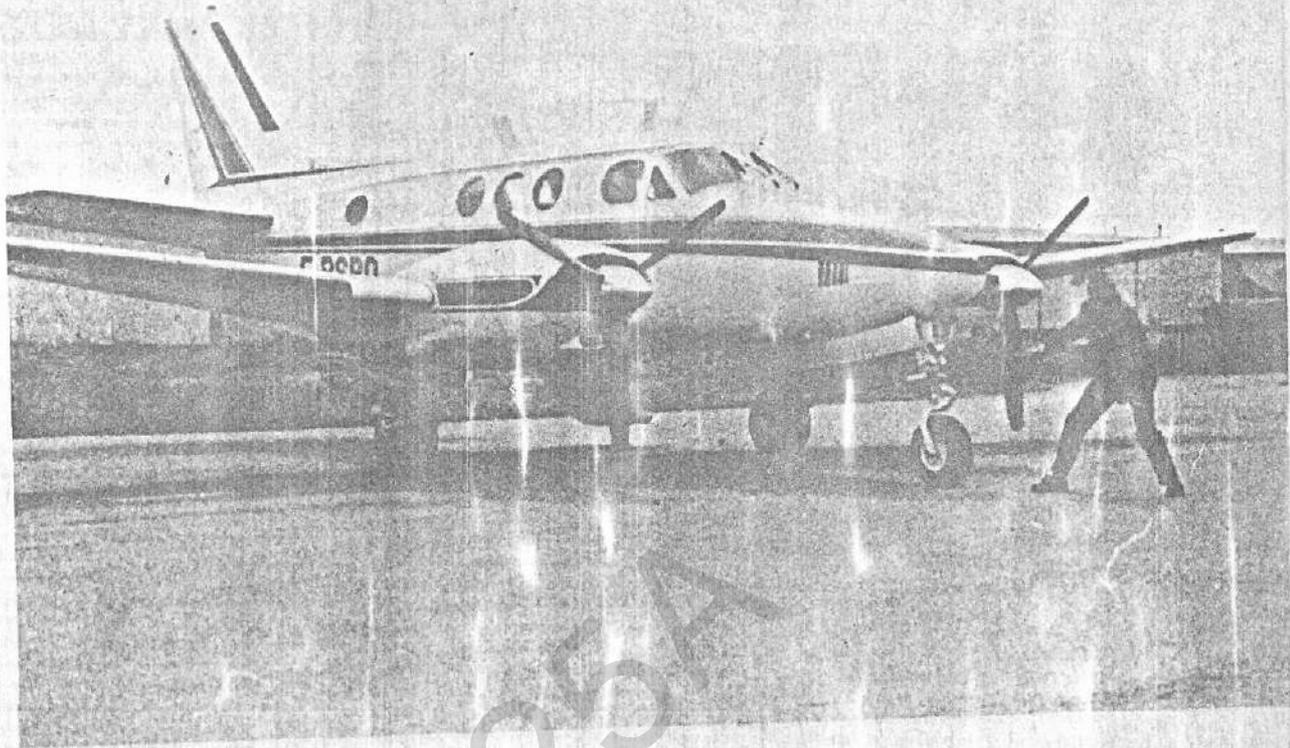
Na noite de 23 para 24 de Agosto, cerca da 1 hora da noite, Pierre Lardat à cabeça de um grupo de 13 homens, entre os quais se encontravam o director Renaudie e o gerente português Guilherme Simões, dirigiram-se, em carros alugados, à Sogantal. No plano das operações, recuperado mais tarde pelas operárias, indicavam-se que os restantes acompanhantes, todos franceses, se chamavam: Covilleu, Vaujour, Callonier, Pierre Chaillox, André, Michel, Guy Saint-Martin, F. Marie, J. Pierre, Prost, um "chauffeur", um "guarda-cães" e um cão. "Não eram mercenários, mas operários da firme Lamont", afirma P. Lardat. Na fábrica encontrava-se apenas um guarda, António Santos Ferreira, de 31 anos.

Segundo este, Pierre Lardat mandou-o abrir a porta da fábrica, entrando acompanhado por 13 homens. Não o prenderam nem o molestaram, mas por duas vezes lhe apontaram uma pistola, verdadeira ou só de alarme, ele não sabe, e obrigaram-no a responder ao telefone e a dizer que ali tudo estava bem. No sábado, obrigaram-no ainda a fazer as embalagens, enquanto os restantes homens desmanchavam as máquinas.

— A minha mãe ficou espantada por não me ver aparecer no dia seguinte e foi procurar-me por volta das 14 horas, perguntando-me se eu já tinha almoçado. Eu disse: "Já." E a minha mãe: "Olha, não estás com cara disso." Eu estava, de facto, cheio de medo. Ela deve ter notado alguma coisa



Os varapaus de que o proprietário se muniu para retomar a fábrica



Pierre Lardat não pôde satisfazer as reivindicações das operárias portuguesas e fechou a fábrica, embora possa manter um avião particular

dizem que tudo o que aqui está é deles. Mas também é nosso: fomos nós que produzimos.

O DIREITO DOS PATRÕES

Pierre Lardat, por sua vez, afirma:

— Eu próprio sugeri ao Ministério do Trabalho que, sendo o nosso objectivo fazer o inventário do que restava na fábrica para o reexportar para França, e devendo apresentar documentos à alfândega, tinha interesse em que duas ou três operárias participassem nessa tarefa ao que o Ministério respondeu que isso não lhes dizia respeito. Mas ficou bem claro que as formalidades legais haviam sido cumpridas e que o meu direito, quer à fábrica quer às mercadorias e maquinaria, era indiscutível. Como a protecção policial e militar estava assegurada não hesitei. Fui de noite, para evitar ser visto e porque não desejava confrontos. Daí ter colocado o letreiro avisando da presença do cão. E não levámos armas: apenas uma pistola de alarme inofensiva e lançadores de pó não tóxicos. Nós é que iam sendo massacrados! Se os soldados não tivessem chegado a tempo, éramos homens mortos. O ataque de que fomos

vítimas, desde as 20 horas de sábado, foi brutal. Os próprios pára-quadistas tiveram dificuldade em nos tirar dali, no meio de uma multidão ameaçadora, que nos cobriu de insultos. Por fim, disseram: "Vão presos." E saímos dali num camião, deitados no chão, com o que tínhamos vestido. Ficaram-nos com tudo: malas, vestuário, passaportes, dinheiro. Em Lisboa, a tropa disse-nos que estávamos livres. Nós é que não nos sentimos em segurança e pedimos para ficar no quartel.

Pierre Lardat considera provocação ter aparecido no Ministério do Trabalho na segunda-feira, dia 26, para se encontrar com as operárias, como estas supunham. Estas foram, pois, recebidas pelo ministro, capitão Costa Martins, que depois de ouvir os relatos afirmou resumidamente o seguinte:

— Neste caso, há vários aspectos que não se situam já no âmbito dos conflitos de trabalho, ultrapassando, pois, o raio de acção e jurisdição deste ministério: houve desacatos, perturbação da ordem pública, etc. Penso que a forma como as coisas se passaram não foi a mais conveniente. Quanto a nós achamos que é preciso defender as justas reivindicações dos trabalhadores, mas a

excessiva agitação não ajuda à instauração de justiça social. O Ministério não deu ordem para o patrão fazerem o que quiserem. Estamos, aliás, viver um período transitório em que não existia legislação que possa cobrir aqueles aspectos que foram eliminados ou estão a sê-lo. O Ministério prepara neste instante leis que possam entrar em vigor e que são para ser cumpridas, quer pelos patrões quer pelos trabalhadores.

Neste caso, chamamos a atenção dos patrões para o facto de não deverem procurar entrar em firma por estes métodos. Neste momento, depois de se consultar os restantes ministérios e causa nos podemos pronunciar. Uma coisa é certa não pode haver soluções particulares, nem da parte dos trabalhadores nem da parte dos patrões. Tomarei medidas para que encontre, com os outros ministérios, uma solução justa para este e outros problemas.

Referindo-se ao aspecto particular das empresas estrangeiras em Portugal, o ministro afirmou ainda que a Sogantal é um caso particular de uma pequena empresa que acabou por se transformar num problema grande e grave. Quanto às restantes tem procurado que se crie um clima de confiança

entre trabalhadores e empresários. "Só um clima de entendimento pode levar para a frente o processo de democratização e o desenvolvimento económico do País."

UMA CAMPANHA CONTRA PORTUGAL

Pierre Lardat afirma: "Portugal dá neste momento a imagem de um país anárquico: há leis que se não cumprem. Se o Governo permitir que os bens dos estrangeiros sofram estes atentados, onde se irá parar? E a presença dos capitais estrangeiros aqui é fundamental."

Os documentos divulgados pelo proprietário da Sogantal parecem manifesto contributo para a criação dessa imagem, que a realidade, afinal, desmente: está-se perante uma atitude megalómana ou trata-se antes de uma opção consciente no sentido de, através de um caso particular, pôr-se em causa a capacidade de o Governo português fazer cumprir a ordem e assegurar os interesses das empresas estrangeiras radicadas em Portugal? Que levou Pierre Lardat a anunciar o que ele próprio intitulou uma operação de "comandos" em país estrangeiro? Qual a atitude que as autoridades portuguesas irão tomar com este cidadão francês e com os homens que o acompanharam? Quem são, de facto, estes homens?

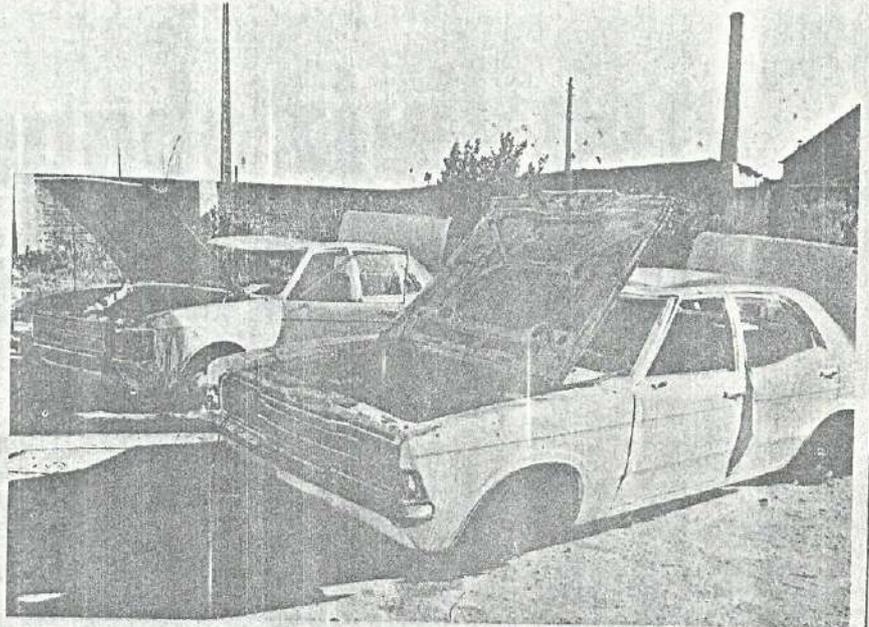
Pierre Lardat afirma que o termo "comando" não quer dizer nada".

— No fundo, organizamos uma pequena expedição. Era este o termo usado, por exemplo, nas operações que se realizavam nas colónias. Claro, a palavra "comando" sugere logo pára-quadristas com metralhadoras a tiracolo... Não é o caso: não trouxemos armas, o material de que dispúnhamos era inofensivo. "Comando" significa uma maneira de viver em autonomia: ter viveres para nós bastarmos durante alguns dias, sem necessidade de sair da fábrica e um meio de comunicação com o exterior, no caso do telefone falhar. O cão era mais por precaução psicológica: um animal mete mais medo do que um homem, mesmo armado. Não contava que as coisas se passassem assim. Fomos brutalizados, apelidados de fascistas, capitalistas, imperialistas. Deploro o que se passou.

O Sindicato dos Têxteis e Vestuário do Sul, que acompanhou desde o início o problema da Sogantal, preocupa-se, além do mais, com a possível repercussão que este caso possa ter em outras empresas do sector. Com efeito, neste momento, firmas como a Charminho e a Naturana debatem-se com problemas semelhantes: encerramento das fábricas durante as férias, com despedimento das operárias e retirada da maquinaria e mercadoria. Foram estas as informações das operações prestadas, no Ministério do Trabalho, pelas operárias Alzira Ferreira e Alice da Silva Gonçalves.

José Carlos Valente, dirigente do Sindicato dos Têxteis e Vestuário do Sul, afirmou:

— Neste momento, a posição do Sindicato perante os acontecimentos na Sogantal é de expectativa. Para os franceses, pode tratar-se de um precedente que envolve os seus capitais em geral; para o Sindicato, é a situação geral dos trabalhadores portugueses, vítimas da exploração dos capitalistas estrangeiros, que está em jogo. Nós não temos defendido a autogestão. O que desejamos é uma tomada de posição do Governo através de medidas de conjunto que defendam os trabalhadores perante o capital, estrangeiro ou



A multidão do Montijo, indignada com o assalto à fábrica feito pelo comando francês, destruiu os carros em que este se transportou

português.

Neste caso, é evidente que à luz de uma certa estrutura, a fábrica pertence aos franceses: o direito ao trabalho, porém, pertence ao trabalhador. O que se verifica é a ausência de uma lei que dê cobertura a estes casos. Simplesmente, em nossa opinião, as leis não caem do céu. Elas são o resultado das pressões de uma classe contra os interesses em jogo. Sabemos que não podemos abolir o capitalismo de um momento para o outro, mas defendemos o estabelecimento de um regime em que seja possível um menor desequilíbrio entre as pressões possíveis a cada classe. Na Sogantal as operárias tomaram as posições concretas que a situação objectiva lhes impõe. Se estão fora da lei, é porque a lei não existe. Então, que venha.

No dia em que encontramos Pierre Lardat, no escritório do seu advogado, 48 horas passadas sobre os incidentes de sábado, no Montijo, deixava ainda transparecer a emoção vivida nas horas em que permaneceu encerrado na sua própria fábrica, guardado pela população do Montijo e por aquelas raparigas, cuja acção considerava de "garótice". Garotas a quem se exigia o trabalho de um adulto e a responsabilidade de um adulto. Menores em idade, muitas delas e em estatuto social, todas porque são mulheres. "O patrão não nos tinha tratado assim se fôssemos homens", comentam muitas delas. A acção das operárias da Sogantal poderá ser apreciada de diversas maneiras. Há quem a julgue um pormenor. Há quem lhe atribua a importância da exemplaridade. Certos observadores registarão um saldo positivo, outros negativo. As próprias intervenientes retirarão da experiência vivida ali, desde o dia 20 de Maio, diferentes conclusões. Haverá muitos desapontamentos. Haverá frustrações. Mas haverá, seguramente, quem não se deixe vencer pelo desânimo ou pela revolta momentâneos. O importante, quanto a nós, é que cada uma dessas raparigas entenda porque se vencem e porque se perdem as batalhas. Talvez que elas não saibam ainda exactamente o que querem.

Mas sabem, seguramente, aquilo que não desejam. Em qualquer circunstância um ser humano pode aspirar a viver em liberdade.

Uma dúvida subsiste no espírito do repórter por que não foram as operárias da Sogantal avisadas da entrada dos patrões na fábrica, na noite de sexta-feira passada? Conhecido que era o clima em que ali se vivia desde Maio e qual a sua disposição de espírito, não parecia lógico que a reacção das trabalhadoras, como a da população do Montijo, fosse a que efectivamente se registou?

Nesse mesmo dia, às 13.30, comunicando pelo telefone com o gerente português da Sogantal, Guilherme Gomes, recolhemos o seguinte depoimento:

— Antes do 25 de Abril não se registaram na fábrica pedidos de aumento de salário. Havia, sim, desacordos quanto à minutagem do trabalho. A entidade patronal só resolveu fechar a porta quando as negociações chegaram a um "impasse": a administração só estava disposta a cumprir o que fosse estipulado pela lei. Toda e qualquer alcavala faria com que a fábrica deixasse de ser rentável. Quanto ao ambiente dentro da fábrica, há opiniões diversas. Penso que a ignorância das operárias foi explorada por certas pessoas. Houve precipitação, exagero, dramatizou-se sem razão. Da parte da empresa não houve nunca má-fé.

Então, porque não comunicou a administração às operárias da Sogantal que, na noite de 23 para 24 de Agosto, a fábrica iria ser recuperada? Porquê esta operação tocambolésca, pela calada da noite? Ou foram, efectivamente, as operárias da Sogantal avisadas de tudo o que lhes iria acontecer e estamos perante uma representação colectiva que envolveu cerca de 2000 pessoas das mais diferentes idades e opiniões, a população do Montijo que acorreu à Sogantal porque, espontaneamente, sentiu que algo de errado existia no que se passava ali? Custa a acreditar que estejamos apenas, como afirma o sr. Pierre Lardat, perante o caso de um casal desavindo.

SOGANTAL a Luta Continua



CAMARADAS:

Festejamos no dia 29 de maio de 1975 UM ANO que as operárias da SOGANTAL numa luta heroica, contra o capital, contra a invasão em particular do capital estrangeiro, se dispôs numa luta sem quartel e empregando todas as armas de que os trabalhadores dispõem, conseguiram vencer durante um longo ano, uma batalha contra o desemprego, contra a fome, contra enfim, a miséria na qual o capital se empenhou em as lançar.

A SOGANTAL como todas as empresas de capital estrangeiro, intalou-se em Portugal para aproveitar as condições altamente lucrativas que a exploração e a opressão dos trabalhadores portugueses oferecia. E isto devido aos salários de miséria que podia pagar, e devido também à docilidade dos trabalhadores garantida por toda uma repressão que começando nos locais de trabalho se estendia até à bem conhecida acção das várias polícias: PIDE-DGS, GNR, PSP.

No momento em que os trabalhadores tomam consciência dos seus problemas, e dão mostras de ter capacidade e iniciativa para lutarem pelos seus interesses e em que o patronato se vê obrigado a aumentar os salários miseráveis, a LANONT pretende encerrar as suas instalações em Portugal mostrando claramente que aqui apenas vinha buscar o lucro fácil.

Portanto, nós trabalhadoras da SOGANTAL não podemos tolerar esta situação, não podemos ser lançadas na miséria, no desemprego só porque alguns capitalistas franceses que nos exploraram desenfreadamente não querendo satisfazer as nossas justas reivindicações, nos abandonaram há já um ano.

Mas nós, operárias da SOGANTAL, embora só transcorrido Um mês sobre o 25 de Abril não temendo enfrentar o capital estrangeiro de frente, lançamo-nos numa luta heroica e até à altura, 20 de Maio de 1974, inédita forma de luta vendendo publicamente o produto do nosso trabalho (FATOS DE TRILINO), conseguindo assim com a coragem de 48 RAPARIGAS CUJA IDADE OSCILA ENTRE 15 E 23 ANOS, abrir um golpe profundo no capital e na burguesia portuguesa e internacional e abrir simultaneamente o caminho a outros trabalhadores para o avanço da TOMADA DA REVOLUCIONARIA DO PODER PELA CLASSE OPERARIA.

CAMARADA:-

VEN AO MONTIJO NO DIA 29 QUE É FERIADO NACIONAL.

ORGANIZA NA TUA EMPRESA, ESCOLA, BAIRRO ETC. EXCURSÕES E VEM ATÉ NÓS.

JUNTA-TE A NÓS NESTA FESTA DE ALEGRIA E AJUDA-NOS MONETÁRIAMENTE COM UMA MIGALHA DO TEU POR VEZES MAGRISSIMO SALÁRIO.

CONVIDAMOS-TE A TRAZER CARTAZES, BANDEIRAS ETC. DE FIRMAS OU ORGANIZAÇÕES QUE NÃO TENHAM CARÁCTER PARTIDÁRIO POR EXEMPLO: SINDICATOS, COLECTIVIDADES.

APELAMOS A TODOS OS SINDICATOS, COLECTIVIDADES DE RECREIO, INATEL, INTERSINDICAL, COMISSÕES DE TRABALHADORES; COMISSÕES DE MORADORES, TODOS OS SOLDADOS E MARINHEIROS TUDO ENFIM QUE É DO POVO E PARA O POVO, PARA QUE TODOS UNIDOS FAÇAMOS DESTE DIA UMA GRANDE FESTA.

VEN ATÉ AS 15.45 PARA QUE TUDO COMECE A HORA PREVISTA

PROGRAMA PREVISTO

- CANTO LIVRE COM ARTISTAS CONVIDADOS
- TEATRO FEITO COM AS OPERARIAS DA SOGANTAL
- CORO E CONJUNTO MUSICAL
- PROGRAMA EXPONTANEO

SOGANTAL A LUTA CONTINUA

PELA REVOLUÇÃO SOCIALISTA

PELO PODER PARA AS MÃOS DOS TRABALHADORES

ATENÇÃO:NÃO SÃO PERMITIDAS NO RECINTO DA FESTA BANDEIRAS DE PARTIDOS NEM QUALQUER PROPAGANDA PARTIDÁRIA, SEM QUALQUER EXCEPÇÃO. SERÃO NO INTANTO PERMITIDAS BANDEIRAS DE SINDICATOS, FIRMAS OU ASSOCIAÇÕES.

SOGANTAL: A NOSSA LUTA CONTINUA

Ha já mais de um mês e meio, nós, operárias da Sogantal, ocupámos a fábrica e começamos a vender a mercadoria que produzimos: fatos de treinos.

Porquê?

No dia 20 de Maio, apresentámos um caderno reivindicativo à entidade patronal no qual pedíamos um aumento de 1250\$00 (o nosso salário era até então, no máximo, de 1600 escudos por mês), um mês de férias, um mês de subsidio e 139mês.

Como o patrão se recusou a ceder perante os nossos pedidos, entrámos em baixa de produção. Depois de ter saído o decreto do Governo Provisório que fixou o salário mínimo em 3300\$00 mensais (o que até é superior ao que pedíamos), soubemos que a Sogantal ia fechar. Foi então que nós ocupamos a fábrica.

Para além disto, o patrão recusou-se a pagar os salários da última quinzena de Maio. Foi por esta razão que nós começamos a vender fatos de treino.

Entretanto o representante da fábrica-mãe da Sogantal, a Lammont, e o gerente português desapareceram, abandonando a fábrica.

Desde então até agora a Lammont não deu sinal de vida, excepto quando no início de Junho enviou um gerente à fábrica, o qual manteve a posição anterior. A nossa resposta foi que mantinhamos também a mesma posição. Não é agora depois de mais de 2 meses de luta, e lá porque se aproxima o dia marcado para o encerramento da fábrica, que nós vamos ceder. E isto porque, se o fizassemos, ou continuaríamos a ser quase tão exploradas como antigamente, ou ficaríamos todas no desemprego, pois a fábrica fecharia sem a nossa oposição.

Até agora o governo nada fez, senão cruzar os braços. O mesmo acontece em relação a outras dezenas de fábricas na mesma situação.

A Lammont, assim como outras empresas estrangeiras, montara fábricas em Portugal apenas para explorar a mão-de-obra barata. Com o aumento, mesmo miserável, de salário, estas empresas fecham as suas portas e vão montar outras fábricas em países mais repressivos do que Portugal, lançando milhares de trabalhadores no desemprego.

Nós achamos que o Estado deve tomar conta dessas fábricas para evitar os despedimentos e pô-las a funcionar depois de um estudo, pois a maior parte delas são rentáveis.

É isso que nós propomos ao Governo. Nós sabemos que a auto-gestão, forma pela qual nos temos mantido até aqui, é impossível manter por muito tempo numa sociedade capitalista. O que acontece por vezes, é que, como resposta a despedimentos em massa ou a outras posições do patronato os trabalhadores tomam conta da fábrica (foi o nosso caso).

Mas como os capitalistas ~~continuam a manter~~ o poder económico (são eles os donos dos ~~circuitos de distribuição~~, são eles os donos das matérias primas, e são eles que controlam a concorrência) , e também mantêm o poder político, é impossível aos ~~trabalhadores~~ manterem a autogestão por muito tempo.

É por isto tudo que no dia marcado para o encerramento da fábrica, dia 30 de julho apresentámos ao Ministério do Trabalho e ao Ministério da Coordenação Económica uma proposta de manutenção do funcionamento da fábrica pela qual o Estado passa a tomar conta da SOGANTAL, e pela qual deixaremos de fazer fatos de treino (pois o mercado de venda é pequeno em Portugal) e passaremos a confeccionar outros tipos de vestuário.

Mas como nós precisamos de continuar a viver, não podemos agora ficar paradas à espera duma resposta. Temos de continuar a vender fatos de treino para recebermos os salários.

Por isso mesmo vamos iniciar no dia 1 de Agosto uma campanha que tem por fim conseguirmos a venda do 1000º fato de treino.

Até agora, a venda de fatos tem recebido um grande apoio da população em geral, estando já vendidos centenas de fatos, o que garantiu até agora os nossos salários. A venda têm-se feito não apenas em Lisboa e arredores, mas também em Setúbal, Porto, Faro, Marinha Grande, etc.

A nossa campanha tem como fim uma maior divulgação da luta entre os trabalhadores, e também o conseguirmos alargar mais a venda, atingindo outras zonas do país.

O limite desta campanha será o dia 10 de Agosto, estando prevista ainda no mês Agosto uma festa de solidariedade trabalhadora, na SOGANTAL.

Para conseguirmos vencer, necessitamos também do apoio de todos os trabalhadores e da população em geral.

A luta das classes trabalhadoras tem de ser obra de todos os trabalhadores.

A NOSSA LUTA CONTRA A EXPLORAÇÃO CAPITALISTA CONTINUA.

Operárias da SOGANTAL



L.T.P

O CASO DA SOGANTAL CONTINUA POR RESOLVER

encontrando-se sob custódia o gerente Lardat e os seus colaboradores

«Queríamos que tomassem uma decisão em relação à nossa fábrica. Mas ficamos na mesma. O ministro do Trabalho disse-nos que o Governo é que tem força para tomar conta do caso» — era este o lamento das representantes das 48 trabalhadoras da Sogantal que, ontem, de manhã, foram recebidas no Ministério do Trabalho, pelo titular daquela pasta.

A reunião deveria ter comparecido, como estava previsto, o proprietário da firma (Pierre Lardat), que, conforme oportunamente no-

ticiámos, tentou no sábado, com um grupo de solidários, apoderar-se de todo o material existente na fábrica, a fim de o embalar e remeter para França, onde dispõe de um complexo fabril. Mal sucedido nos seus intentos, aquele capitalista francês acabou por ser detido por forças do COPCON, que o trouxeram para Lisboa.

«Esperamos pelo nosso patrão», contam-nos as empregadas, «e como ele não aparecesse fomos procurá-lo ao quartel do Lumiar. No entanto ele não nos quis receber. A-

sim continua tudo na mesma. Hoje, à noite, vamos reunir-nos na fábrica, para combinar os piquetes. É preciso estarmos preparadas para o que possa vir a acontecer. E, entretanto, claro, vamos continuar a vender os fatos de treino, como temos feito até aqui. Não podemos de forma alguma deixar de ganhar...»

Entretanto o Sindicato dos Têxteis e Vestuários do Sul tem acompanhado todo o processo Sogantal. Foi, aliás, na sede daquele Sindicato que ontem os fomos encontrar as representantes das empregadas da firma empenhadas na estruturação de um comunicado que se preparam para divulgar.

«Não se pretende fomentar nenhuma posição de força», explica um dirigente do Sindicato José Carlos Valente. «A posição das empregadas da Sogantal é apenas de acordo com o direito ao trabalho. Como é lógico, não se está a procurar correr com os estrangeiros de Portugal ou abolir o capitalismo.»

Entre o material apreendido pelas empregadas ao dono da fábrica, aquando da sua tentativa de ocupação das instalações da Atalala, contam-se cópias da carta por ele enviada a governantes franceses, a imprensa do país e a vários ministérios portugueses. Nos documentos, Pierre Lardat faz menção de salientar que a tentativa de ocupação é uma verdadeira «opera-ção de comando» e pede, inclusive, o auxílio de forças mili-
tares.



PALAVRAS DE ORDEM PARA A MANIFESTAÇÃO

- ABAIXO A EXPLORAÇÃO CAPITALISTA
- SOGANTAL - A LUTA CONTINUA
- DESPEDIMENTOS, NÃO, QUEREMOS UMA RESPOSTA, JÁ

OPERÁRIAS DA SOGANTAL



PORQUE

VENDEMOS

No dia 31 de Maio, deveríamos ter recebido o salário correspondente à quinzena de 15 a 31 de Maio.

Esse salário não nos foi pago pela empresa Sogantal, filha de uma fábrica francesa de nome Lamont.

Como se torna evidente, o dinheiro que não nos pagaram faz-nos falta. Os nossos salários são miseráveis. Basta dizer que com o aumento para 3.300\$00 o máximo que alguma de nós ganhará nesta quinzena é de 1.200\$00. Portanto, sem este dinheiro vimo-nos condenadas a passar fome.

No dia 5 de Junho comunicámos aos nossos patrões que esperaríamos o pagamento até 12 de Junho às 12 horas.

Seguidamente vor-nos-emos forçadas a vender directamente o que produzimos, ou seja fatos de treino.

Embora a lei esteja do nosso lado, quanto ao pagamento dos salários, não podemos esperar pelo Tribunal de Contas.

Infelizmente, não conseguimos deixar de comer durante vários dias, e assim não podemos esperar mais tempo.

Venderemos os fatos apenas até termos conseguido o dinheiro suficiente para o pagamento. Evidentemente, depois, a empresa já não nos terá de pagar os salários atrasados.

Nós não somos ladras; simplesmente precisamos de nos sustentar e aos nossos filhos.

Esperamos que a população nos compreenda e apoie.

AS OPERÁRIAS DA SOGANTAL



S O G A N T A L

Quem está ao lado dos patrões?

A Sogantal é uma empresa de capital estrangeiro (francês), que no dia 30 de Maio, decidiu encerrar as suas portas, a seguir a algumas reivindicações apresentadas por nós.

Contra isto reagimos, ocupando as instalações e vendendo aquilo que produzimos, (fatos de treino) porque os nossos salários não nos eram pagos desde 15 de Maio.

Os Patrões até hoje dia 26 de Agosto, recusaram-se a chegar a acordo sobre as nossas reivindicações e têm mantido a sua posição de intransigência quanto ao encerramento da fábrica.

Tomando consciencia de que não nos conseguiam vencer, tentaram uma manobra desesperada no dia 24 deste mês (sábado).

Bem Parecido com aqueles filmes de espionagem, montaram um Plano que visava retirar da fábrica tudo o que lá houvesse.

Dominaram o guarda que tinhamos contratado para tomar conta das instalações e invadiram a fábrica, começando a desmontar as máquinas e a emacotar o material.

Algumas horas depois uma de nós, ao ver um cartaz na fábrica a dizer que na fábrica havia cães bravos e que não se responsabilizavam pelo que acontecesse a quem entrasse. Deu-se conta que alguma coisa de anormal se passava, resolveu ir avisar algumas de nós.

Imediatamente reunimos todas as pessoas dispostas a acompanhar-nos e dirigimo-nos à fábrica onde encontramos o tal cartaz.

Não nos amedrontando, avançamos e fomos recebidas com tiros de pistola de alarme, gazes lacrimogéneos, ameaças de matracas e dois cães selvagens.

Mesmo assim, conseguimos entrar na fábrica e os nossos patrões só se conseguiram retirar dentro dum camião do exército e deitados no chão.

Logo a seguir dirigimo-nos ao Ministério do Trabalho e mais uma vez saímos sem resposta concreta ao nosso problema.

Através de documentos que conseguimos ver, na altura da invasão da fábrica, soubemos que todo o Plano dos "gangsters", tinha sido divulgado a várias autoridades francesas e a alguns Ministérios portugueses no dia 23 de Agosto.

Os nossos patrões estão sob vigilancia militar e nós exigimos o seu julgamento. Ou será que estes senhores julgam que têm o direito de roubar o produto do nosso esforço, agredindo-nos ainda por cima?



Nós temos consciencia que a nossa luta não deve isolada. Tentaremos fazer o máximo de propaganda possível em Portugal e no estrangeiro.

Apelamos para a solidariedade dos trabalhadores portugueses, quer apoiando-nos com dinheiro ou com qualquer tipo de colaboração.

Exigimos do Governo, ou que nos garanta os salários, ou que nacionalize a Sogantal. Assim, sem nada dizer, é que não pode ser!

CONTRA O ENCERRAMENTO

PELA GARANTIA DO NOSSO SALARIO E EMPREGO

AS OPERARIAS DA SOGANTAL

CD25A

S O G A N T A L

Quem está ao lado dos patrões?

A Sogantal é uma empresa de capital estrangeiro (francês), que no dia 30 de Maio, decidiu encerrar as suas portas, a seguir a algumas reivindicações apresentadas por nós.

Contra isto, reagimos, ocupando as instalações e vendendo aquilo que produzimos (fatos de treino) porque os nossos salários não nos eram pagos desde 15 de Maio.

Os Patrões até hoje dia 26 de Agosto, recusaram-se a chegar a acordo sobre as nossas reivindicações e têm mantido a sua posição de intransigência quanto ao encerramento da fábrica.

Tomando consciencia de que não nos conseguiam vencer, tentaram uma manobra desesperada no dia 24 deste mês (sábado).

Bem Parecido com aqueles filmes de espionagem, montaram um Plano que visava retirar da fábrica tudo o que lá houvesse.

Dominaram o guarda que tínhamos contratado para tomar conta das instalações e invadiram a fábrica, começando a desmontar as máquinas e a emacotar o material.

Algumas horas depois uma de nós, ao ver um cartaz na fábrica a dizer que na fábrica havia cães bravos e que não se responsabilizavam pelo que acontecesse a quem entrasse. Deu-se conta que alguma coisa de anormal se passava, resolveu ir avisar algumas de nós.

Imediatamente reunimos todas as pessoas dispostas a acompanhar-nos e dirigimo-nos à fábrica onde encontramos o tal cartaz.

Não nos amedrontando, avançamos e fomos recebidas com tiros de pistola de alarme, gazes lacrimogéneos, ameaças de matracas e dois cães selvagens.

Mesmo assim, conseguimos entrar na fábrica e os nossos patrões só se conseguiram retirar dentro dum camião do exército e deitados no chão.

Logo a seguir dirigimo-nos ao Ministério do Trabalho e mais uma vez saímos sem resposta concreta ao nosso problema.

Através de documentos que conseguimos ver, na altura da invasão da fábrica, soubemos que todo o plano dos "gangsters", tinha sido divulgado a várias autoridades francesas e a alguns Ministérios portugueses no dia 23 de Agosto.

Os nossos patrões estão sob vigilancia militar e nós exigimos o seu julgamento. Ou será que estes senhores julgam que têm o direito de roubar o produto do nosso esforço, agredindo-nos ainda por cima?



... a luta dos trabalhadores portugueses, quer apoiando-nos com dinheiro ou com qualquer tipo de colaboração.

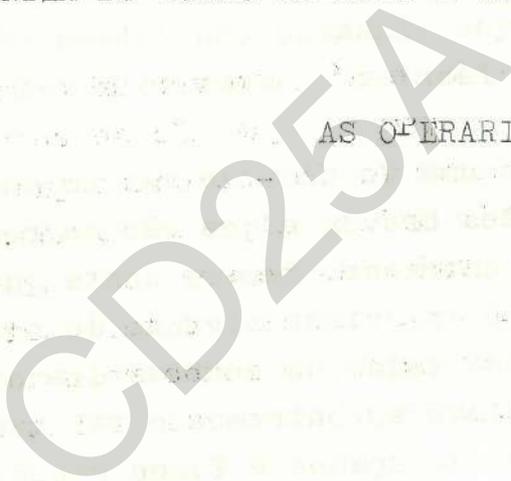
Nós temos consciencia que a nossa luta não deve isolada. Tentaremos fazer o máximo de propaganda possível em Portugal e no estrangeiro. Apelamos para a solidariedade dos trabalhadores portugueses, quer apoiando-nos com dinheiro ou com qualquer tipo de colaboração.

Exigimos do Governo, ou que nos garanta os salários, ou que nacionalize a Sogantal. Assim, sem nada dizer, é que não pode ser!

CONTRA O ENCERRAMENTO

PELA GARANTIA DO NOSSO SALARIO E EM-REGO

AS OPERARIAS DA SOGANTAL



Revolução SOGANTAL UM PROCESSO DE AUTOGESTÃO?

Na fábrica Sogantal — Sociedade Industrial de Luvas — Têxteis do Montijo, S.A.R.L., de capitais franceses, há duas semanas que todas as operárias num total de 50, encontram-se em greve com a ocupação constante das instalações.

O capital estrangeiro instalou-se em Portugal, País de mão-de-obra barata e «bem ordenada». A partir do dia 25 foram «restituídas as liberdades democráticas ao povo» — segundo dizem — e a classe operária tem tentado aproveitar-se dessas mesmas «liberdades democráticas» para as utilizar, para as reforçar e conquistar novas posições.

Na Sogantal onde o lucro patronal era fácil, onde se trabalhava 9 horas diárias, onde o salário máximo era de 1600\$00 mensais, as operárias conscientes da sua condição de super-exploradas decidiram entrar em greve

devido à Administração não ter satisfeito as suas justas reivindicações e, mais tarde, terem decidido encerrar as instalações em Portugal.

São as próprias camaradas da Sogantal que nos relatam como e porquê tem decorrido a luta:

«No dia 29 de Maio apresentamos um caderno reivindicativo à entidade patronal e esse caderno não foi aceite. Imediatamente baixámos a produção.

Entretanto a entidade patronal apresenta uma contra-proposta em que nos dava os 3300\$00 mensais estabelecidos pela lei, três semanas de férias (anteriormente já tínhamos duas), e nós tínhamos exigido um aumento salarial de 1250\$00 mensais, um mês de férias, um mês de subsídio, 13.º mês e prémios a 100%. Eles não aceitaram.

Depois não nos pagaram a quinzena de 15 a 31 de Maio e soubemos que a fábrica ia fechar e, imediatamente ocupámos todas as instalações. Está um papel na porta onde se lê que temos 7 meses de trabalho e o último dia de trabalho é o 30 de Julho. Estamos dispostas a lutar até ao fim e sabemos que na delegação do Ministério do Trabalho em Setúbal já estão os processos das indemnizações, mas entretanto demos um prazo até ao dia 12 ao meio-dia para nos pagarem a referida quinzena, caso contrário, vamos vender os fatos.

Temos uma comissão de 5 operárias eleitas numa Assembleia de todas as operárias. Quando a comissão vai ao sindicato — pertencemos ao sindicato das costureiras de Lisboa — só tem funções consultivas. As resoluções são tomadas por todas as trabalhadoras, não fazemos nada sem a opinião de todas.

No escritório trabalha o Director que é francês e o senhor Guilherme que é o Director português. Este não está connosco. Tenta zelar pelos interesses do patrão, assim como nós zelamos pelos nossos.

A fábrica comunicou para os jornais que tinha tido 400 contos de lucro, mas isso multiplicado por 5 é que dá a conta certa, porque há sempre aquelas facturas clandestinas de que nós não temos conhecimento e até eles, ao fim e ao cabo, são capazes de nem saberem ao certo quantias foram as clandestinas. Era isso que nós gostaríamos de saber, gostaríamos de ter alguém que estivesse connosco a defender esse problema para saber o que produzimos e os lucros que damos.

Perante tudo isto, temos duas hipóteses para resolver o nosso problema:

1.º — Como já recebemos o trabalho talhado de França aqui é só confeccionar. Assim, podemos pedir dinheiro ao Fundo de Desemprego para comprar as máquinas de talhar.

2.º — Se a primeira hipótese não tiver sucesso, tentaremos encontrar uma fábrica que nos envie os tecidos já talhados para confeccionarmos na nossa fábrica.

Aqui dentro da fábrica existe um grande «stock» de material. Temos dezenas de sacos com material terminado e em cada saco está o valor de 9000\$00. Se conseguíssemos vender todo este material dava perfeitamente para pagar todas as indemnizações, no caso da fábrica encerrar,

capacidade de continuar com a fábrica, não temos necessidade da administração. Só necessitamos de pessoas com mais conhecimentos do que nós, mas que estejam sempre do nosso lado.

Temos ideias de falar com os Sindicatos dos futebolistas para ver se conseguimos compradores e, se não for possível porque são muitos fatos, podemos tentar a exportação porque só em Portugal é impossível o seu consumo pois, confecionamos 800 fatos por dia.

Para todas nós esta é a primeira greve.

Convém ainda referir que ocupamos constantemente a fábrica para que o patrão não possa retirar o «stock» de material cá existente. Mas é curioso que os indivíduos da Gerência também cá ficam. Dizem eles que se nós duvidamos que eles possam retirar alguma coisa, eles também duvidam de nós, mas a nós não nos interessa roubar aquilo que foi produzido por nós, aquilo que é nosso.

Quando iniciámos a greve havia muita gente que não compreendia a nossa luta, mas desde que fizemos propaganda as pessoas apoiam-nos.

A CDE de Montijo primeiramente disse-nos para não fazermos greve porque o País precisava do nosso trabalho, mas depois deram-nos apoio.

Estamos dispostas a lutar até ao fim porque as nossas reivindicações são justas e sem dinheiro não podemos comer e sem comer não podemos trabalhar.»



lucros que damos.

Perante tudo isto, temos duas hipóteses para resolver o nosso problema:

1.º — Como já recebemos o trabalho talhado de França aqui é só confeccionar. Assim, podemos pedir dinheiro ao Fundo de Desemprego para comprar as máquinas de talhar:

2.º — Se a primeira hipótese não tiver sucesso, tentaremos encontrar uma fábrica que nos envie os tecidos já talhados para confeccionarmos na nossa fábrica.

Aqui dentro da fábrica existe um grande «stock» de material. Temos dezenas de sacos com material terminado e em cada saco está o valor de 9000\$00. Se conseguíssemos vender todo este material dava perfeitamente para pagar todas as indemnizações, no caso da fábrica encerrar, mas nós não queremos isto e preferimos com esse dinheiro garantir que a fábrica continue a funcionar, mas à nossa maneira. E, sentimo-nos com

CD25A

viva a luta da sogantal

ANTONIO B. MONIZ

"Nós temos consciência da nossa luta não deve ser isolada. Tentaremos fazer o máximo de propaganda possível em Portugal e no estrangeiro. Apelamos para a solidariedade dos trabalhadores portugueses, quer apoiandonos com dinheiro ou com qualquer tipo de colaboração".

(in comunicado à população das operárias da SOGANTAL)

A Sogantal (capital francês), no dia 30 de Maio decidiu encerrar as suas portas quando as operárias apresentaram um caderno reivindicativo, que se traduzia na exigência: um mês de férias pagas; 139 mês; e um aumento de 1250\$000 sobre o ordenado mensal que variava entre 1040\$00 e 1600\$00. Apesar do salário mensal, correspondente à realização dum trabalho de 45 horas semanais, exigido pelas operárias ser infe-

rior ao salário mínimo nacional estabelecido, a empresa recusou-se a pagá-lo, tal como se recusou a aceitar os restantes pontos. Com as reivindicações foram apresentadas no dia 20 de Maio e os ordenados eram pagos por quinzena, as trabalhadoras não receberam desde 15 de Maio.

"Contra isto, reagimos, ocupando as instalações e vendendo aquilo que produzimos (fatos de treino)".

Os patrões até hoje dia 26 de Agosto, recusaram-se a chegar a acordo sobre as nossas reivindicações e têm mantido a sua posição de intransigência quanto ao encerramento da fábrica.

Tomando consciência de que não nos conseguiram vencer, tentaram uma manobra desesperada no dia 24 deste mês (Sábado).

Bem parecido com aqueles filmes de espionagem, montaram um plano que visava retirar da fábrica tudo o que lá houvesse.

Ominaram o guarda que tinhamos contratado para tomar conta das instalações e invadiram a fábrica, começando a desmontar as máquinas e a empacotar o material.

Algumas horas depois uma de nós, ao ver um cartaz na fábrica a dizer que na fábrica havia cães bravos e que não se responsabilizavam pelo que acontecesse a quem entrasse. Deu-se conta que alguma coisa de anormal se passava, resolveu ir avisar algumas de nós

Imediatamente reunimos todas as pessoas dispostas a acompanhar-nos e dirigimo-nos à fábrica onde encontramos o tal cartaz

Não nos amedrontando, avançamos e fomos recebidas com tiros de pistola de alarme, gases lacrimogénios, ameaças de matracas e dois cães selvagens.

Mesmo assim, conseguimos entrar na fábrica e os nossos patrões só se conseguiram retirar dentro de um camião do exército e deitados no chão.

Logo a seguir dirigimo-nos ao Ministério do Trabalho e mais uma vez saímos sem resposta concreta ao nosso problema.

Através de documentos que conseguimos ver, na altura da invasão da fábrica, soubemos que todo o plano dos "gangsters", tinha sido divulgado a várias autoridades Francesas e a alguns ministérios portugueses no dia 23 de Agosto.

Os nossos patrões estão sob vigilância militar e nós exigimos o seu julgamento. Ou será que estes senhores julgam que têm o direito de roubar o produto do nosso esforço, agredindo-nos ainda por cima?

(in comunicado das operárias da SOGANTAL)

"O tecido para os fatos de treino vinha cortado de França. Uma vez confeccionado o tecido em Portugal, os fatos já prontos eram enviados para a fábrica-mãe francesa que se encarregava de os colocar no mercado". Ou seja, o salário das operárias portuguesas é de tal modo baixo que ficava mais barato ao patrão pagar o transporte do material, para cá e para lá, do que ter que pagar o salário às operárias francesas.

Em que era distribuído o salário de 1600\$00? Um apartamento no Montijo custa entre 1000\$00 e 3000\$00

por mês. As operárias mães (50%) pagam 400\$00 mensais para lhes tomarem conta dos filhos durante as 9 horas de trabalho diário. Algumas das operárias por si só, têm que sustentar toda a família. A situação é tal que muitas delas não têm casa própria.

"Eram estabelecidos prémios de produção que poderiam fazer subir o ordenado...". "O prémio máximo era 800\$00, mas para o conseguirmos era preciso fazer o dobro dos fatos. O esforço exigido era tão grande que quase ninguém conseguia ganhar o prémio. Além disto, esse tipo de concorrência só contribuía para nos desunir".

A PALAVRA DAS OPERÁRIAS DA SOGANTAL EM LUTA

"Neste momento recebemos 3300\$00 mensais através da venda dos fatos que fizemos. Mas isto não pode manter-se eternamente assim. Como vivemos num regime capitalista, a fábrica não pode manter-se se formos nós próprias a governá-la. Se isto acontecesse, os patrões das outras fábricas imediatamente nos tentaríamos sufocar através da concorrência. Por isso fomos ao ministério do trabalho. Exigimos do governo ou que nos garanta os salários ou que nacionalize a Sogantal. Assim sem nada dizer é que não

pode ser! Perante isto, o ministro do trabalho diz-nos "Para estarmos calmas e confiantes porque o governo nos vai ajudar", a responsabilidade recai toda sobre nós, mas como já há meses que ouvimos a mesma conversa uma de nós disse-lhe: "estão sempre a dizer que se responsabilizam por tudo, mas isso não basta porque na realidade a nossa situação não é resolvida. O que nos dizem é o mesmo que seria dito pelo governo antes do dia 25!" Neste momento o ministro mandou-a para a rua.



"Os jornais diários presentes nessa reunião quase não se referiram à nossa luta. Daí não veio qual-quer apoio. A televisão quis fazer uma reportagem sobre a nossa luta, só nos deixou falar durante 3 minutos. Enquanto filmavam diziam-nos: resuma! resuma, porque não há tempo! Mas o que é giro é que no mesmo telejornal estiveram muito mais de 10 minutos a contar a história duma procissão em que faltou o padre".

"Desde o início da nossa luta, o apoio com que contamos foi essencialmente de outros operários: Os operários da Lisnave e de outras fábricas estão dispostos a auxiliarem-nos economicamente se for preciso. Alguns operários das oficinas próximas, nas horas de folga encarregaram-se de montar as máquinas que o patrão tinha preparado paralelamente chegando a fazer-se uma colecta na Lisnave.

Quando foi do assalto, muita gente desta zona concentrou-se junto à fábrica, opondo-se às forças do COPCON e da PM que vinham na defesa dos patrões. Foi a força dessa gente que conseguiu que o patrão não fugisse. Assustado com a indignação da população a população que conhecia o caso da nossa fábrica, ele fechou-se às 7 chaves no primeiro andar e só saiu quando se viu bem protegido por aquelas forças militares, porque tinha medo de enfrentar a população."

APOIEMOS A LUTA DA SOGANTAL

Depois do 25 de Abril, todas as greves e lutas que os trabalhadores travam, são caluniadas por certos partidos, de progressistas só têm o emblema, como manobras da reacção. Foi o caso da greve da Lisnave e do Jornal do Comercio em que lutando os trabalhadores pelo saneamento e expulsão dos fascistas, o P"CC" fez um comunicado que condenava e caluniava essa luta. Chegou ao cumulo de, no Jornal do Comercio, acusar as massas dos trabalhadores em greve de "minorias anti-democráticas" e de classificar a reivindicação como uma "exigência secundaria e pouco realista". E assustado com a força dos trabalhadores da Lisnave que convocaram uma grande manifestação de operários, esse partido que só em palavras os representa, distribuiu pelas oficinas um pasquim em que diz: "já depois da assembleia do passado sábado se vem espalhando na empresa que a manifestação deve ser aproveitada para protestar contra a lei da greve, contra o aumento dos preços, etc. Isto é, trata-se de uma manifestação e hostilidade ao governo e de respeito pela ordem democrática (feita numa hora deliberadamente escolhida em desacordo com a lei) que só pode aproveitar à reacção, interessada em dividir os trabalhadores e as forças democráticas. E como não tem a aderência das amplas massas, querem us ar processos intimidatórios para arrastar os trabalhadores, de que é exemplo o facto de pensarem em utilizar piquetes para irem aos locais de trabalho para irem buscar os operários para a manifestação".

Foram os próprios operários da Lisnave a ultrapassarem as palavras de ordem do P"CC", realizando uma gigantesca manifestação durante 5 horas pelas ruas de Lisboa, distribuindo ao povo um comunicado onde esclareciam as calúnias que sobre eles eram lançadas: "Onde há iniciativa e luta organizada das classes oprimidas a reacção recua. Onde há diminuição da vigilância por parte do povo as forças contra-revolucionárias avagam tentando esmagar as liberdades já conquistadas. Que repudiam todas as tentativas, venham elas donde vierem, para sabotar e dividir as massas trabalhadoras na luta contra o fascismo e o capitalismo".

Foi o caso da greve dos CTT e da TAP em que lutando os operários contra os salários de fome, o PCP

"Podíamos resolver a nossa situação se arranjássemos cada uma um novo emprego. Eu até já tinha arranjado um novo emprego, mas isso não me interessa porque a nossa luta não é só para ganhar mais dinheiro, mas ela faz parte da luta que trava a classe operária para a sua libertação total. Nós sabemos que o patrão que tem um castelo em França e um avião particular nos comprou a custa do nosso trabalho. É com isso que queremos acabar. Desde o principio temos essa ideia e estamos dispostas a lutar até ao fim".

"No principio da luta, vieram cá os senhores da CDE do Montijo. Queriam-nos convencer a estabelecer relações amigáveis com o patrão: aceitar a proposta dele e não reclamar. Queriam impedir a greve, submetendo-nos à vontade do sr. Lagart (o patrão). Como não conseguiram, porque nós queríamos lutar contra os patrões, vieram com outra cantiga: "que a votação não deveria ser feita com o braço no ar, porque isso criava um clima de agitação e nós votamos todas a favor. Aconselharam-nos a utilizar o sistema de voto secreto. Ninguém lhes ligou nenhuma a votação foi feita como nós queríamos, de braço no ar. Então, como continuávamos na luta, nunca mais cá apareceram".

"fura greves" chegou ao cumulo de andar à pancada com os piquetes de greve como aconteceu no Algarve chegou ao cumulo de mandar as crianças da UEC colar os respectivos cartazes em cima dos que apoiavam a greve dos CTT, como aconteceu em Lisboa. Para além disto o P"CC" lançou uma infame campanha de calúnias para levantar a opinião da população contra os trabalhadores, dizendo que os operários da TAP se recusavam a trazer os soldados da Guiné.

Foi o caso dos pescadores de Matosinhos em que o P"CC" saudou a chegada da traneira russa com sardinha para furar a greve, classificando-a como "um barco para o futuro" e dizendo: "A presença deste navio soviético foi um primeiro passo concreto nas relações comerciais entre Portugal e a Rússia. Um passo no convívio entre os trabalhadores dos nossos dois países". É facil de ver que tipo de relações a URSS procura estabelecer conosco, que terão evidentemente o amén do P"CC".

É evidente que vamos apoiar com todas as forças que tivermos as operárias da Sogantal em luta. É evidente que o P"CC" e a UE"CC" não vão gostar disto e vão dizer que os estudantes devem preocupar-se em construir a ordem democrática dentro das escolas. Mas a verdade é que os operários da Sogantal, da Lisnave, da TAP, etc... continuam a ser tão explorados como dantes. A verdade é que as amplas liberdades de que fala o P"CC" continuam a ser as metralhadoras do COPCON apontadas contra os operários como aconteceu na Lisnave. A verdade é que continuam a viver em Portugal parasitas como o sr. Lagart, os Melos, os Champalimaud, e os seus investimentos de 120 milhões de contos que o P"CC" identificou não só para criar 120.000 empregos mas para criar melhores condições de exploração e conquista às leis anti-operárias que lhes permitia realizar essa exploração. A verdade é que os pides continuam a ser soltos um a um em vez de julgamento popular, esta canalha começa a ser manobrada em proveito do novo regime.

Mas não serão as atitudes destes reformistas que não de impedir que os estudantes apoiem as operárias da Sogantal. Nem há-de ser as calúnias que o P"CC" opoem às lutas operárias que farão parar a roda da história.

APOIEMOS A LUTA DA SOGANTAL !

69ª FEIRA DIA 27 DE SETEMBRO VENDA DE FATOS DE TREINO NAS CANTINAS DA CIDADE UNIVERSITÁRIA E DE CIÊNCIAS

Preço: 400\$00 cada fato.

Um grupo de estudantes